

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília (RIUnB) pela organizadora, Professora Monique Batista Magaldi, em 11 de dezembro de 2018, para disponibilizar o livro *Museu & museologia: desafios de um campo interdisciplinar*, gratuitamente, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra.

REFERÊNCIA

MAGALDI, Monique B.; BRITO, Clóvis Carvalho. A museologia é uma ilha de edição: vigilância comemorativa e fabricação de legados. In: MAGALDI, Monique B.; BRITO, Clóvis Carvalho (Org.). **Museus & museologia: desafios de um campo interdisciplinar**. Brasília: FCI-UnB, 2018. p. 9-14.

MONIQUE BATISTA MAGALDI

CLOVIS CARVALHO BRITTO

Organizadores

MUSEUS & MUSEOLOGIA:

DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

Brasília

UNB – CURSO DE MUSEOLOGIA | FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI

2018



A MUSEOLOGIA É UMA ILHA DE EDIÇÃO: VIGILÂNCIA COMEMORATIVA E FABRICAÇÃO DE LEGADOS

Monique Batista Magaldi¹
Clovis Carvalho Britto²

**“A memória é uma ilha de edição.”
Waly Salomão (2007, p. 43)**

Este livro reúne textos resultantes de pesquisas no campo dos museus e da Museologia apresentados pelos palestrantes ou elaborados pela comissão científica e organizadora do I Encontro de Museologia da Universidade de Brasília (UnB) ocorrido entre os dias 8 e 10 de outubro de 2018. Ele consiste no registro de um significativo momento de reflexão que envolveu pesquisadores de diversas instituições brasileiras como no estímulo para a realização de novas pesquisas conforme destacado no subtema do evento: “desafios para um campo interdisciplinar”.

A pesquisa como uma das funções básicas dos museus, os museus como fontes e espaços privilegiados para a pesquisa e a Museologia como campo do saber que reflete sobre as implicações dos processos museológicos e, por sua vez, congrega pesquisadores em torno daquilo que Waldisa Rússio designou de fato museal, consistem no *leitmotiv* desta publicação.

Em 1981, a museóloga Waldisa Rússio destacou em um texto intitulado “A interdisciplinaridade em Museologia” que o fato museal é a profunda relação entre o ser humano e os objetos a serem conhecidos em um dado cenário, comportando vários níveis: “a consciência, a internalização, a concentração, a alimentação do repertório da memória, ponto de partida do senso crítico que elabora as comparações” (In BRUNO, 2009, p. 124). Essas diferentes possibilidades de intersecção no campo dos repertórios da memória consistem em um vasto universo de pesquisa, envolvendo os processos museais com o que Ulpiano Bezerra de Meneses (1994) reconheceu como uma das vocações dos museus, a transformação dos objetos em documentos: “o espaço

1 Professora doutora do curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

2 Professor doutor do curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.



de trabalho sobre a memória, em que ela é tratada, não como um objetivo, mas como objeto de conhecimento” (1994, p. 41).

Portanto, este livro assume uma vocação metalinguística ao se tornar uma memória de itinerários de pesquisa sobre a memória. Esse entendimento pode ser aplicado a grande parte do pensamento dos intelectuais brasileiros que tiveram significativo impacto no campo do patrimônio e dos museus. É inegável que suas pesquisas impactaram e ainda impactam as narrativas e as formas de compreensão do passado e de imaginação do futuro. Isso é significativo ao reconhecer que “a história do patrimônio é amplamente a história da maneira como uma sociedade constrói seu patrimônio” (POULOUT, 2009, p. 12). Neste itinerário, é fundamental compreender as escolhas dos agentes responsáveis pela construção dessa história, isso porque ela não pode ser dissociada da “história dos conceitos”, visto que a produção e a atribuição de sentidos resultam do espaço de experiência e do horizonte de expectativa por eles produzidos (KOSELLECK, 2006).

Este entendimento se justifica em virtude das disposições legitimadas pelos agentes responsáveis por teorizar sobre a área e da realização de processos museológicos que condicionam, na maioria das vezes, o olhar dos demais pesquisadores, construindo uma maneira mais ou menos estável de reconhecer conceitos, e de legitimar práticas e personagens. É por isso que, para romper com esses mecanismos de reprodução e persuasão, é necessário se fazer a ‘história social da emergência dos problemas’ desse espaço científico (BOURDIEU, 2004). Portanto, a história da emergência dos problemas do campo dos museus e da Museologia consiste no registro das múltiplas atividades de pesquisa, dos caminhos e descaminhos teórico-metodológicos que resultam em diversos modos de refletir sobre seu objeto de conhecimento.

Tais reflexões são significativas quando reconhecemos a Museologia como uma disciplina aplicada que surge no entre-lugar da efetivação de práticas preservacionistas e da orientação conceitual dos paradigmas que as orientam. Conforme concluiu Cristina Bruno (2006, p. 9), a “consolidação epistemológica dessa disciplina depende, em grande parte, de sua experimentação nos museus.” Nesse aspecto, o dilema é instituído: compreender a disciplina a partir da análise das experimentações (e o que delas resulta) ou efetuar uma leitura sobre o que os autores programavam dizer sobre o fazer museológico. Por outro lado, embora reconheçamos que teoria e prática consistem em configurações inseparáveis, a própria história dos museus e da Museologia é atravessada por debates em torno das fissuras entre ‘trabalho prático’ e ‘vocação científica’, conforme o argumento de Zbynek Z. Stránský (2008). Portanto, a Museologia seria marcada pela teoria da prática em torno da musealização: “A teoria museológica



torna-se objetiva, antes de mais nada, na produção museológica.” (STRÁNSKÝ, 2008, p. 102).

Esse exercício epistemológico é significativo quando observamos aquilo que Pierre Bourdieu reconheceu como uma “teoria dos efeitos da teoria”: “que ao contribuir para impor uma maneira mais ou menos autorizada de ver o mundo social contribui para fazer a realidade desse mundo” (BOURDIEU, 1998a, p. 82). Dessa forma, compreender os processos de construção epistemológica da Museologia, por exemplo, é uma das condições necessárias para a visualização das problemáticas apresentadas por esse campo:

Para não ser objeto dos problemas que se tomam para objeto, é preciso fazer a história social da emergência desses problemas, da sua constituição progressiva, quer dizer, do trabalho coletivo – frequentemente realizado na concorrência e na luta – o qual foi necessário para dar a conhecer e fazer reconhecer estes problemas como problemas legítimos, confessáveis, publicáveis, públicos, oficiais (BOURDIEU, 1998b, p. 37).

Dito de outro modo, trata-se de problematizar o *modus operandi* da produção e da transmissão do conhecimento. Portanto, é necessário desconstruir a visão de ‘espontaneidade’ das práticas museológicas, tidas como resultantes de uma abordagem unicamente empírica ou intuitiva. As diferentes práticas são fruto de constantes reelaborações, de uma consciência programática que instaura problemáticas e propõe conceitos. Esse ato de reflexividade contribui para considerar que a prática museológica, ao mesmo tempo, é orientada e orienta os contornos teóricos. Desse modo, a Museologia consistiria em um conjunto de reflexões sobre a ‘didática da invenção’ dos processos museológicos, com os atravessamentos poéticos e políticos correlatos, visando à elaboração de teorias do conhecimento sobre a natureza, os conceitos e os limites da disciplina.

Por esse motivo, escolhemos o verso de Waly Salomão como epígrafe e como paráfrase no título desta apresentação. Se a memória é uma ilha de edição e os museus e a Museologia consistem em campo privilegiado para lidar com os embates entre lembrança e esquecimento, é possível problematizar em que medida a pesquisa em Museologia se torna esse espaço de pós-produção, de reflexão (seleção, ordenamento e ajuste) e ordenamento de imagens em torno dos processos museológicos. Essa situação ganha contornos mais desafiadores no caso de um campo interdisciplinar e suas múltiplas enunciações.



Na verdade, é necessário problematizar a multiplicidade de conceitos em torno da interdisciplinaridade. Na maioria das vezes ela é analisada de modo unívoco, tendo como referência sua etimologia ou suas diferenciações com o multi e o transdisciplinar. Não é sem razão que existem diferentes “tradições” que a investigam sob as perspectivas epistemológica, instrumental e fenomenológica. Por isso é fundamental também compreendê-la como fruto dessa “ilha de edição” e, portanto, atravessada de intencionalidades. No caso da Museologia como campo interdisciplinar privilegiado trata-se de visualizá-la também como fruto de táticas de vigilância comemorativa e de fabricação de legados, projeto no qual este livro e seus autores estão inseridos.

Esta publicação resulta do evento cujo objetivo principal foi comemorar os dez anos da aprovação do curso de Museologia no Conselho Universitário da Universidade de Brasília. Nos últimos anos ocorreram transformações na configuração dos cursos de Museologia no Brasil. Até 2003, existiam em atividade dois cursos de graduação em Museologia no país, o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Após essa data foram criados doze cursos nas cinco regiões do país, incluindo o da UnB, em 2008. Também tem crescido o número de cursos de pós-graduação em Museologia no Brasil. Essas transformações contribuem para reforçar as estratégias de vigilância comemorativa – instituindo marcos fundacionais, mitos de criação e ritos de passagem através de agentes, agenciamentos e obras – e, conseqüentemente, de fabricação de legados por meio de “explosões discursivas”.

Aqui é importante destacar que dialogamos com o conceito de “explosão discursiva” elaborado por Michel Foucault (1988). Originalmente utilizado em *História da sexualidade: o cuidado de si* visando examinar um conjunto de práticas/discursos na longa duração, o filósofo analisa as fabricações de enunciados (de que forma seria possível dizer), de enunciações (quem diz e possibilidades de dizer) e suas restrições. A “explosão discursiva” se torna um mecanismo de seleção das palavras, dos lugares e dos modos de dizer: “controle dos enunciados e das enunciações, [e uma] (...) proliferação de discursos no campo do exercício do poder; uma produção voltada para a condução das condutas e a produção coletiva da subjetividade, visando a mudanças socioculturais” (FERNANDES, 2011, p. 13).

Nesse aspecto, pensar as “explosões discursivas” no campo da Museologia consiste em um importante itinerário metodológico para compreender a fabricação de enunciados e enunciações em torno dos desafios de pesquisa em um campo indisciplinar o que, por sua vez, também consiste em um enunciado fabricado. Por essa razão,



este livro se inicia com o texto lido na abertura do I Encontro de Museologia da Universidade de Brasília. O encontro, o texto e sua publicação nesta coletânea consistem em gesto poético e político no intuito de instituir estratégias de vigilância comemorativa e novos legados, conforme sublinhou Luciana Heymann (2004). Eles não são apenas herança material e política deixada às gerações futuras, mas entendidos como investimento social em virtude do qual uma determinada memória individual é transformada em exemplar ou fundadora de um projeto, ou, em outras palavras, ao trabalho e social de produção da memória resultante da ação de “herdeiros” ou “guardiães”: “a produção de um legado implica na atualização constante do conteúdo que lhe é atribuído, bem como na afirmação da importância de sua rememoração” (HEYMANN, 2004, p. 3).

Como tática de produção e atualização deste legado, organizamos a presente coletânea com textos de pesquisadores representativos na Museologia brasileira no intuito de mapear distintos itinerários de pesquisa, apontando estratégias, conquistas e rupturas em um momento de profundas redefinições nos repertórios da memória, reconhecendo que “ilhas-de-edição unem e apartam os homens” (SALOMÃO, 2000, p. 53). Em conjunto, os textos contribuem para evidenciar uma espécie de bricolagem que traduz alguns dos desafios da pesquisa em um campo interdisciplinar, “como quem aperta um botão da mesa/de uma ilha de edição/e um deus irrompe para resgatar o humano/fardo./Corrigindo:/o humano fado.” (SALOMÃO, 2007, p. 44).

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998a.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998b.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2009.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados*. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n.º 25, 2006.



FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. *Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos*, Uberlândia, ano 2, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 10a. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HEYMANN, Luciana Quillet. Cinquenta anos sem Vargas: reflexões acerca da construção de um “legado”. *XXVIII Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-42, jan./dez. 1994.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no ocidente*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SALOMÃO, Waly. *Algaravias: câmara de ecos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SALOMÃO, Waly. *Tarifa de embarque*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

STRANSKY, Z. Z. Sobre o tema “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático?” (1980). *Revista Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jul./dez., 2008.